

Empresários pedem mais rapidez ao Congresso

por Cláudia Izique
do Rio

A Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan) comemorou o dia da indústria com um amplo debate, ontem, no Rio de Janeiro, sobre a morosidade na regulamentação das leis constitucionais. "O empresariado está perplexo e inseguro pela inconclusão da institucionalidade jurídica no País", diz Arthur João Donato, presidente da entidade. O resultado, na sua avaliação, é a inibição de investimentos e a intranquilidade para o planejamento.

O debate reuniu cerca de 150 empresários, num encontro com intelectuais e parlamentares, que pretendia servir de "estímulo" ao desenvolvimento rápido na elaboração das leis ordinárias e complementares à Constituição.

Hélio Jaguaribe, decano do Instituto de Estudos Políticos e Sociais do Rio de Janeiro, avalia que a Constituição brasileira "é um modelo desejável e ideal", que pretende apontar rumos dos direitos individuais e coletivos, mas sem levar em conta as condições reais da sociedade. "Somos um escândalo social, que a Constituição tenta corrigir pela via normativa", diz Jaguaribe.

"A Constituição optou pela democracia social. A norma ajuda, mas são os processos reais os que mais intervêm na composição e distribuição da riqueza", diz. O resultado é que a nova Constituição produz desencanto naqueles que esperavam que a norma se tornasse fato.

O deputado Luiz Roberto Ponte (PMDB), líder do go-



Arthur João Donato

verno na Câmara, avalia que a Constituição desenha uma sociedade com economia de mercado e que a possibilidade de redução dos níveis de pobreza no País, estariam no aumento da produção, na melhora do perfil de consumo e na diminuição da remessa de poupanças para o exterior. Ele observa, no entanto, que essas preocupações não são cogitadas no Congresso.

Para Donato, o dia da indústria passou a ser celebrado "à míngua de razões para júbilo", porque a economia encontra-se praticamente estagnada. "As empresas se vêem compelidas para o resguardo de seu patrimônio, a correr para as aplicações financeiras, ou quando não, descapitalizadas, mergulham na economia informal, como condição de sobrevivência", avalia. Ele afirmou que a Firjan e o Centro das Indústrias do Rio de Janeiro defendem o fim de um modelo de desenvolvimento centrado na figura do estado "poderoso e dominador, mas perdulário, ineficiente, entreguista e muitas vezes arbitrário".